

NASCIMENTO, M. A. L. do; SANTOS, O. J. **Geodiversidade na arte rupestre no Seridó Potiguar**. Natal: IPHAN-RN, 2013, 62 p.

Lilian Carla Moreira Bento¹

De autoria de Marcos A. L. do Nascimento, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que tem experiência na área de Geociências com ênfase em Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo e Onésimo J. Santos, superintendente do IPHAN, com experiência na área de Arqueologia, “Geodiversidade na arte rupestre no Seridó Potiguar” é uma obra que reflete os resultados dessa combinação de saberes e experiências.

Logo na apresentação, Raoni Valle, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA revela que se trata de um livro que descortina uma mudança de paradigma nas Ciências Ambientais e Humanas, em busca de um modelo holístico entre ambientes e sociedades, geodiversidade e arte rupestre, numa abordagem recente e premente nos dias atuais.

O objetivo principal desse livro é, segundo os autores, além de trazer um apanhado teórico sobre uma temática recente e carente de valorização e divulgação: o patrimônio geológico, mostrar que na região do Seridó Potiguar as pinturas rupestres refletem critérios etnogeológicos dos homens pré-históricos. Dividido em nove capítulos, logo no primeiro, “O que chamamos de Geodiversidade” (p. 9-10), é apresentado um enfoque conceitual e de origem do termo. A origem é difícil de precisar, a maioria diz que surgiu na Tasmânia/Austrália e os principais conceitos evoluem de especialistas estrangeiros, destacando-se as figuras de Gray (1990), Stanley (2000) e Sharples (2002). Em linhas gerais, pode-se concluir que a geodiversidade representa não só os aspectos abióticos do planeta Terra, como os processos, pretéritos e atuais, que os deram origem e que é esse aspecto um dos responsáveis pela variedade biológica existente nos dias atuais.

No capítulo dois, “Geodiversidade dos minerais e das rochas” (p. 11-15), o foco são os elementos responsáveis pela geodiversidade, inicialmente, os elementos químicos, depois os minerais e, por fim, as rochas, mostrando uma evolução das transformações/ligações químicas. Na página 11 é apresentada uma definição de mineral e na 12, os tipos de rocha existentes: magmáticas, metamórficas e sedimentares. Sobre essas últimas, os autores consideram que *“as rochas fornecem muitas informações para se entender o planeta Terra. Para isso é necessário conhecer os diferentes tipos. Conhecendo-se esses tipos de rochas é possível, por meio de suas características, saber as condições de superfície e subsuperfície onde elas se formaram, como por exemplo, temperatura e pressão”* (p. 13).

Em “Os valores da Geodiversidade” (p. 16-22), é ressaltada a necessidade da geodiversidade, assim como a biodiversidade, ser conservada e que tal processo está relacionado com a atribuição de valores. Os autores citam Gray (2004) que destaca seis valores para a geodiversidade, a saber: intrínseco, cultural, estético, econômico, funcional, científico-educativo. Cada um desses valores é explicado e exemplificado, revelando ao leitor um mundo novo, onde não apenas os elementos

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). liliancmb@yahoo.com.br.

vivos da natureza são importantes e tem valor, como os elementos abióticos também o são.

O capítulo 4, “Geodiversidade com valor patrimonial – o patrimônio geológico” (p. 23-25) é uma continuidade do anterior, uma vez que, quando a geodiversidade apresenta esses valores recebe o nome de geossítios e o seu conjunto constitui o patrimônio geológico. A noção de patrimônio está relacionada com a ideia de herança e de importância para uma determinada região e/ou toda humanidade, ensejando a necessidade de sua conservação. A (geo) conservação desse tipo de patrimônio pode ser obtida via leis e programas específicos, no entanto, existem poucos instrumentos legais voltados especificamente para essa temática. No caso do Brasil é citado o Decreto Lei 25 de 1937, a Constituição Federal e o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) como exemplos voltados à proteção ambiental, porém, direcionados ao patrimônio geológico são apenas dois dos objetivos do SNUC “[...] o sétimo cuja finalidade é proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural, e o oitavo, que tem a finalidade de proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos “ (p. 25).

No capítulo 5, “Uso da geodiversidade como atrativo turístico (o geoturismo)” (p. 26-27) é realizado um debate sobre a origem e definições do termo geoturismo, bem como ressaltado dois tópicos principais: primeiro que é uma atividade baseada no patrimônio geológico e segundo, que deve buscar não apenas sua apreciação, mas seu entendimento, usando para isso técnicas da interpretação ambiental. O diferencial desse tipo de interpretação é a forma como a informação é repassada, devendo ser sempre informativa e educativa e, ao mesmo tempo, agradável e significativa. Os autores citam exemplos onde esse tipo de atividade já é recorrente (Europa e EUA) e realizada de variadas formas, tais como: painéis, guias de campo, placas e folhetos.

Em “Arte rupestre”, capítulo 6 (p. 28-31), o objetivo é ir além do conceito de arte rupestre (arte desenhada nas paredes de rochas), mas enfatizar que as rochas são a “tela” usada pelos grupos humanos pré-históricos, segundo as características naturais de onde viviam. Eles explicam que, em locais onde não é possível encontrar afloramentos de rochas, essa arte era feita nas cascas das árvores, como em alguns registros verificados na Amazônia. Outro aspecto levantado é que “[...] assim como outras características universais da humanidade, a produção dessa arte é o resultado do equilíbrio entre meio ambiente, regras de organização social e modos de ver o mundo de cada grupo humano, tribo, nação, civilização, em particular, e capacidades individuais do artista” (p. 28). Esse tipo de arte pode ser figurativa, isto é, representa fielmente os traços fundamentais do objeto desenhado, porém, em alguns casos ocorre a utilização de convenções típicas de algum grupo, dificultando sua interpretação.

O capítulo 7 “A arte rupestre no Seridó Potiguar” (p. 32-35), apresenta as primeiras informações sobre o estudo de caso da obra em questão. Nesse item os autores explicam, ainda, a relação dessa arte com alguns elementos da geodiversidade, a começar com a matéria-prima da tinta. Ela era obtida, naturalmente, em forma de seixos ou plaquetas de argila associada a um óxido de ferro (hematita) e/ou hidróxido de ferro (goethita), com variações na cor de amarelo-violeta, alaranjado-vermelho. A mesma era obtida a partir do pó misturado à água, penetrando facilmente na rocha e sendo, muitas vezes, utilizado algum tipo de pincel

devido à delicadeza de alguns traços, tal como apontado na figura da página 33, localizado no Sítio Mirador de Parelhas.

Outro elemento da geodiversidade aproveitado na arte rupestre dessa região são os sulcos das rochas, gerando gravuras rupestres, “[...] *gravações em baixo relevo realizadas nas rochas*” (p. 33). Sulcos estes que, muitas vezes, eram aprofundados, utilizando-se do poder abrasivo, provavelmente, da mistura de água e areia. Nas páginas 34 e 35 são apresentados alguns exemplos de pintura rupestre, um do Sítio Xiquexique e o outro do Sítio Mirador.

Dando continuidade, no capítulo 8 “As telas usadas para a arte rupestre” (p. 36), os autores aprofundam nas considerações dos materiais usados como tela, no caso as rochas. Eles explicam que as rochas mais usadas eram as que estavam próximas dos cursos d’água, tais como ortognaisse e quartzitos. Ainda frisam que a utilização de sulcos e/ou microfieções das rochas servia tanto para dar relevo à pintura, como para dar perspectiva a cenas compostas por várias figuras.

No último capítulo, “A geodiversidade dos sítios arqueológicos pesquisados” (p. 37-58), a abordagem principal é a relação dos sítios da área de estudo com a geodiversidade encontrada nesse local. Os autores correlacionam as características das unidades litológicas com os sítios arqueológicos e, com isso, objetivam “[...] *valorizar essa parte da arte rupestre, muitas vezes negligenciada nos estudos científicos e que tem importância direta sobre as pinturas e gravuras deixadas pelos nossos antepassados. O tipo de arte e sua qualidade dependem muito dos materiais utilizados pelo homem pré-histórico [...], mas também é fortemente dependente do tipo de rocha em que foi realizada a arte – a “tela” desses exímios pintores/escultores*” (p. 37).

Para cada sítio estudado são exibidas informações sobre a rocha usada como tela, bem como características da arte nela impressa, destacando dois aspectos principais, a saber: *i* - a existência da “cena mestra”, isto é, algumas pinturas são mais elaboradas e repetidas em outros lugares, sem a mesma perfeição e/ou talento do artista e *ii* - não só a superfície regular das rochas eram aproveitadas, nas gravuras se usavam também as irregularidades das rochas para dar à cena sensação de profundidade.

Nos sítios arqueológicos Xiquexique 1, 2 e 4 e Casa Santa, a rocha utilizada foi o quartzito, rocha metamórfica associada à Formação Equador do Grupo Seridó. Já os sítios Talhado do Gavião e Pedra de Alexandre, a rocha usada foi o micaxisto, outro tipo de rocha metamórfica que também faz parte do Grupo Seridó, porém, na Formação homônima. Outra rocha metamórfica aproveitada foi o metaconglomerado, tal como pode ser verificado no sítio arqueológico Mirador e, por fim, no Sítio Abernal foi usado o ortognaisse. Para cada tipo de rocha são expostas informações detalhadas sobre sua formação e características gerais, situando o leitor nessa temática.

Na página 59, nas “Considerações finais”, os autores concluem ressaltando a emergência de uma nova abordagem em relação ao patrimônio geológico, uma que reconheça seu valor e necessidade de conservação. Para isso, eles apontam um caminho que é a formação de uma consciência mundial, a começar no ensino superior e, posteriormente, sendo disseminado para a sociedade em geral, uma vez que a conservação desse tipo de patrimônio traz benefícios não apenas ambientais, mas sócio-culturais e econômicos.

“Geodiversidade na arte rupestre no Seridó Potiguar” é uma obra que surpreende de várias maneiras, primeiramente pela abordagem, pois geralmente

livros sobre arte rupestre privilegiam o pintor e a pintura, esquecendo-se dos materiais usados nessa arte e, portanto, essa obra preenche uma lacuna do ponto de vista da informação e segundo, pela simplicidade e fluidez com que foi escrita. Espera-se que essa resenha sirva de inspiração para a leitura de obra tão importante e caminho inicial tanto para aqueles que pretendem conhecer um pouco mais sobre o patrimônio geológico, como para aqueles que terão oportunidade de aprender um pouco mais sobre a arte rupestre por meio de uma abordagem inovadora e holística.

Resenha submetida em: 28/12/2015

Aceita para publicação em: 24/02/2016

Publicada em: 27/02/2016